

Capítulo I

O velho marinheiro no Admiral Benbow

SQUIRE TRELAWNEY, Dr. Livesey, e o resto destes senhores tendo me pedido para escrever todos os detalhes sobre a Ilha do Tesouro, do começo ao fim, nada deixando para trás, exceto os caminhos para a ilha, e só porque ainda há um tesouro lá, eu peguei minha caneta no ano de graça mil setecentos e tantos e voltei ao tempo quando meu pai mantinha a pousada Admiral Benbow e o velho marinheiro, moreno e com o corte de sabre no rosto, pela primeira vez se alojou sob nosso teto.

Eu me lembro dele como se fosse ontem, quando ele veio arrastando-se para o porta da pousada, seu baú seguindo atrás dele em um carrinho de mão - um homem alto, forte, pesado, castanho-claro, seu rabo de cavalo amarrado caindo sobre o ombro de seu casaco azul sujo, as mãos esfarrapadas e marcadas, com unhas pretas quebradas, o corte de sabre em uma bochecha, um sujo, lívido branco. Lembro-me dele olhando ao redor da enseada e assobiando para si mesmo ao fazer isso, e então irromper naquela velha canção marítima que ele cantava frequentemente depois:

"Quinze homens no baú do homem morto -
Yo ho ho e uma garrafa de rum!"

em voz alta e vacilante que parecia ter sido afinada nas barras do *cabrestante. Então ele bateu na porta com um pequeno pau, como uma alavanca que ele carregava, e quando meu pai apareceu, pediu um copo de rum. Este, quando foi trazido a ele, ele bebeu devagar, como um conhecedor, demorando-se no sabor e ainda olhando em volta para os penhascos e para cima em nossa placa.

“Esta é uma um belo esconderijo”, disse ele por fim; “E um agradável botequim. Muita companhia, cara?”

Meu pai disse-lhe que não, muito pouca companhia, mais, era uma pena.

“Bem, então”, disse ele, “este é o lugar para mim. Aqui está, amigo,” ele gritou para o homem que trazia o carrinho de mão; “Traga aqui e leve meu baú para cima. Vou ficar aqui um pouco”, continuou ele. “Eu sou um homem simples; rum e bacon com ovos é o que eu quero, e aquela cabeça aí pra ver navios fora. Do que você deve me

* Cabrestante é um mecanismo utilizado nas antigas naus e constituído por um objecto de forma cilíndrica com um eixo vertical que accionado por vários homens permitia ajudar a levantar a âncora e outros corpos pesados utilizados nas naus.

chamar? Você deve me chamar de capitão. Eu vejo onde você está - aí"; e ele jogou três ou quatro moedas de ouro no limiar. "Você pode me dizer quando eu passado disso", diz ele, parecendo tão feroz quanto um comandante.

E de fato como suas roupas eram ruins e grosseiras, enquanto falava, ele não tinha aparência de um homem que navegou ante o mastro, mas parecia um companheiro ou capitão acostumado a ser obedecido ou a golpear. O homem que veio com o carrinho de mão nos disse que o correio o havia deixado na manhã anterior em Royal George, que ele perguntou quais pousadas havia ao longo da costa, e ouvindo a nossa ser bem falada, suponho, e descrita como solitária, a escolhera entre os outros como seu local de residência. E isso foi tudo o que pudemos aprender de nosso convidado.

Ele era um homem muito silencioso por costume. O dia todo ele rondava a enseada ou os penhascos com um telescópio de latão; a noite toda ele sentou em um canto da sala ao lado do fogo e bebeu cachaça e água bem forte. Na maioria das vezes ele não falava quando falavam com ele, apenas olhava para cima de forma repentina e feroz e soprava pelo nariz como uma buzina de nevoeiro; e nós e as pessoas que vieram em nossa casa logo aprenderam a deixá-lo ser. Todos os dias quando ele voltava de seu passeio ele perguntava se algum marinheiro tinha passado ao longo da estrada. No início pensamos que era a falta de companhia de sua própria espécie que o fez fazer esta pergunta, mas finalmente começamos a ver que ele estava desejoso de evitá-los. Quando um marinheiro se hospedou no Admiral Benbow (como de vez em quando alguns faziam, indo pela estrada costeira para Bristol) ele olhava para ele através da porta com cortinas antes que ele entrasse no salão; e ele sempre ficava em silêncio como um rato quando qualquer um estava presente. Para mim, pelo menos, não havia segredo sobre o assunto, pois eu era, de certa forma, um participante de seus alarmes. Ele me chamou de lado um dia e me prometeu quatro centavos de prata no primeiro dia de cada mês se eu mantivesse meu "olho o tempo aberto para um marinheiro com uma perna" e avisasse-o no momento em que este aparecesse. Muitas vezes, quando o primeiro do mês chegava e eu pedia a ele o meu salário, ele só soprava pelo nariz para mim e me encarava, mas antes que a semana terminasse ele pensava melhor sobre isso, me trazia minha moeda de quatro centavos, e repetia suas ordens para procurar "o marinheiro com uma perna só".

Como aquele personagem assombrava meus sonhos, nem preciso dizer. Em noites de tempestade, quando o vento sacudia os quatro cantos da casa e as ondas rugiam ao longo da enseada e subiam nos penhascos, eu o via em mil e uma formas, e com mil expressões diabólicas. Agora a perna estaria cortada no joelho, agora no quadril; agora ele era um monstruoso tipo de criatura que só tinha uma perna, e no meio de seu corpo. Via-o pular e correr e me perseguir pela cerca e vala, era o pior dos

pesadelos. E no total eu paguei muito caro por minha moeda mensal de quatro centavos na forma dessas fantasias abomináveis.

Mas embora eu estivesse tão apavorado com a ideia do marinheiro com um perna, eu tinha muito menos medo do capitão do que qualquer outra pessoa que o conhecia. Havia noites em que ele bebia muito mais rum e água forte do que sua cabeça aguentava; e então ele às vezes se sentava e cantava suas canções marinhas perversas, antigas e selvagens, sem se importar com ninguém; mas às vezes várias rodadas de bebida e obrigava todas as trêmulas pessoas próximas a ouvir suas histórias ou um refrão da sua canção. Muitas vezes eu ouço a casa tremendo com "Yo-ho-ho e uma garrafa de rum", todos os vizinhos se juntando por suas vidas, com o medo da morte sobre eles, e cada um cantando mais alto do que o outro para evitar comentários. Pois nesses ataques ele era o mais companheiro mais dominador já conhecido; ele batia a mão na mesa para ser feito um silêncio total; ele iria voar em uma explosão de raiva por uma pergunta feita, ou às vezes porque nenhuma pergunta foi feita, e então ele julgava que ninguém havia prestado atenção na história. Ele nem permitiria que ninguém sáísse da pousada até que ele tivesse bebido até ficar com sono e fosse cambaleado para a cama.

Suas histórias eram o que mais assustava as pessoas. Histórias terríveis sobre enforcamento, e andar na prancha, e tempestades no mar, e as Tortugas secas, e ações selvagens e lugares no mar espanhol. Por sua conta própria, ele deve ter vivido sua vida entre alguns dos homens mais perversos que Deus jamais permitiu no mar, e a linguagem em que ele contava essas histórias chocavam nosso povo do campo quase tanto quanto o crimes que ele descrevia. Meu pai sempre dizia que a pousada seria arruinada, pois as pessoas logo deixariam de vir lá por serem tiranizadas e colocadas pra baixo, e por irem tremendo para suas camas; mas eu realmente acredito que a presença dele nos fez bem. As pessoas ficavam assustadas à primeira vista, mas dando outra olhada eles gostavam bastante; era uma boa emoção em um país de vida tranquila, e havia até um grupo de homens mais jovens que fingiam admirá-lo, chamando-o de "verdadeiro cachorro do mar" nomes do tipo, e dizendo que havia ele era o tipo de homem que fez a Inglaterra temida no mar.

De certa forma, de fato, ele seria nossa ruína, pois continuou ficando semana após semana, e mês após mês, de modo que todo o dinheiro há muito tempo já tinha acabado, e ainda assim meu pai nunca teve coragem de cobrar por mais. Se alguma vez ele mencionou isso, o capitão explodiu bufando tão alto que você poderia dizer que ele rugiu, e encarou meu pobre pai até que ele sáísse da sala. Eu o vi torcendo as mãos depois de tal rejeição, e tenho certeza de que o aborrecimento e o terror que viveu devem ter adiantado muito sua morte precoce e infeliz.

Durante todo o tempo em que viveu conosco, o capitão não fez nenhuma alteração em suas roupas, a não ser comprar algumas meias de um vendedor ambulante. Eu me lembro da aparência dele casaco que ele mesmo remendou no andar de cima em seu quarto, e que, antes o fim, não passava de remendos. Ele nunca escreveu ou recebeu uma carta, e ele nunca falou com ninguém além dos vizinhos, e com estes, na maior parte, só quando bebia rum. O seu grande baú, nenhum de nós tinha já visto aberto.

Ele foi contrariado apenas uma vez, e isso foi no final, quando meu pobre meu pai estava em um declínio que o tirou do sério. Dr. Livesey veio no final de uma tarde para ver o paciente, comeu um pouco do jantar da minha mãe, e entrou na sala para fumar um cachimbo até que seu cavalo descesse do vilarejo, pois não tínhamos estábulos no velho Benbow. Eu segui-o, e lembro-me de observar o contraste do doutor, com seu pé branco como a neve e seus brilhantes olhos negros e maneiras agradáveis, segundo às do povo do campo, e acima de tudo, com aquele espantinho imundo, pesado e turvo do nosso pirata, sentado, perdido no rum, com os braços sobre a mesa. De repente, ele - o capitão, isto é - começou a entoar sua canção eterna:

"Quinze homens no baú do homem morto -
Yo ho ho e uma garrafa de rum!
A bebida e o diabo fizeram pelo resto -
Yo ho ho e uma garrafa de rum!"

No começo eu supus que "o baú do homem morto" fosse idêntico à grande caixa de seu andar de cima na sala da frente, e o pensamento foi misturado em meus pesadelos com o do marinheiro de uma perna só. Mas chegou um tempo em que todos nós deixamos de prestar atenção especial às suas músicas; isto era novo, naquela noite, para ninguém além do Dr. Livesey, e ele eu observei, não produziu um efeito agradável, pois ele olhou para cima por um momento completamente com raiva antes de continuar com sua conversa com o velho Taylor, o jardineiro, sobre uma nova cura para os reumáticos. Nesse ínterim, o capitão gradualmente empolgou-se com sua própria música e, finalmente, bateu a mão na mesa diante dele de uma forma que todos sabíamos significar silêncio. As vozes pararam de uma vez, todos menos o do Dr. Livesey; ele continuou como antes a falar claro e gentil e puxando vigorosamente seu cachimbo entre cada palavra ou duas. O capitão olhou para ele por um tempo, agitou sua mão novamente, olhou com mais força ainda, e finalmente irrompeu com um juramento vil, baixo,

- "Silêncio aí, entre os deques!"

- "Você estava se dirigindo a mim, senhor?" disse o médico; e quando o rufião o respondeu, com outro xingamento, que sim, "Eu só tenho uma coisa para dizer-lhe, senhor ", respondeu o médico," que se continuar a beber rum, o mundo logo será abandonado por um canalha muito sujo!"

A fúria do velho era terrível. Ele ficou de pé, puxou e abriu a faca de fecho de um marinheiro, e equilibrando-a aberta na palma da sua mão, ameaçou prender o médico na parede.

O médico nem se mexeu. Ele falou com ele como antes, sobre seu ombro e no mesmo tom de voz, bastante alto, para que todos da sala pudessem ouvir, mas perfeitamente calmo e estável:

- "Se você não colocar essa faca neste instante em seu bolso, eu prometo, pela minha honra, você será emforcado no próximo tribunal. ”

Em seguida, seguiu-se uma batalha de olhares entre eles, mas o capitão logo dobrou-se para baixo, ergueu a arma e retomou seu assento, resmungando como um cachorro ferido.

"E agora, senhor", continuou o médico, "já que agora sei que existe tal companheiro no meu distrito, você pode contar que vou ficar de olho em você dia e noite. Eu não sou apenas um médico; Eu sou um magistrado; e se eu ouvir uma palavra de reclamação contra você, se for apenas por um pouco de incivilidade como a de hoje à noite, tomarei meios eficazes para que você seja caçado e derrotado. Somente isso."

Logo depois, o cavalo do Dr. Livesey veio até a porta e ele foi embora, mas o capitão calou-se naquela noite e por muitas noites vindouras.